

Sarney não

pensa em

retrocesso

16 AGO 1980

Brasília — O Senador José Sarney, presidente do PDS, declarou, ontem, que não vê risco de retrocesso institucional no país, lembrando que todas as etapas do processo de redemocratização vêm sendo cumpridas, ao mesmo tempo em que evitava fazer qualquer comentário sobre a declaração do Governador Antônio Carlos Magalhães, de que não haverá eleições em 1982, se não houver entendimento entre as facções políticas.

O Senador maranhense disse que o país atravessa uma situação econômica difícil, mas que essa dificuldade não deverá interferir no processo de abertura democrática, ao mesmo tempo em que lembrava o gesto de mão estendida do Presidente da República, lamentando que alguns setores teimem em criar um clima de radicalização que dificulta, não um acordo, mas entendimentos sobre matérias específicas que tramitam no Congresso.

TERRENO COMUM

Lembrou o Sr José Sarney que sempre defendeu a tese de que existe um terreno comum que não pode ficar sujeito a diferenças partidárias, mas que, pelo contrário, deve estimular as conversações entre os adversários para a tarefa comum de consolidar o processo de abertura democrática promovido pelo Presidente Figueiredo.

Sustentou, ainda, que o interesse nacional se concentra no processo de abertura. Desde que seja possível o ajustamento de posições para facilitar o aprimoramento democrático acha óbvio que a evolução dos acontecimentos fluirá naturalmente.

— O risco existe em política, como na vida, mas não vejo possibilidade de um retrocesso político. As etapas que foram propostas foram cumpridas. Há apreensão sobre a gravidade do problema econômico, mas este não terá interferência no desenrolar da redemocratização, que é um compromisso do Presidente da República, disse o Senador José Sarney.

Referiu-se ao chamamento do Presidente Figueiredo ao estender a sua mão num gesto de conciliação, ao mesmo tempo em que reconhecia que alguns setores criam um clima de radicalização que não é favorável, lembrando que política é a arte de conciliar. Esse clima cria dificuldades não a um acordo mas a entendimentos sobre matérias específicas.

— O próprio Congresso — disse — tem sido palco de divisões irreversíveis. Na votação da lei dos estrangeiros tivemos um exemplo disso. Acertou-se a aprovação de oito destaques e por causa de um acordo frustrou-se por completo.

Admitiu que o país está saindo de um processo histórico que deixou marcas profundas em seu organismo político, estimulando divisões em certas camadas da sociedade, que se refletem naturalmente no mecanismo intrincado do jogo político e parlamentar. Lembrou que, ainda assim, todas as etapas propostas pelo processo estão sendo cumpridas.

Lembrou que o almoço de líderes políticos representativos de todas as correntes da Oposição com o PDS em torno do ex-Presidente Eduardo Frey, do Chile, foi “uma prova de maturidade e uma demonstração de que é possível a convivência civilizada entre adversários políticos.”

Por fim, concordou em fazer uma apreciação mais concreta a respeito das propostas de entendimento político entre os Partidos, para superar a crise, afirmando:

— O nosso Partido jamais será obstáculo a qualquer entendimento político.